A imprensa do Ceará dos seus primeiros dias aos atuais (*)

Eusebio de Sousa

Escrever a história do jornalismo, no Ceará, sería trabalho insano se fosse dado a quem dela se occupasse desbravar terreno não conquistado. A materia porém, está suficientemente explanada, devidamente estudada nos seus minimos detalhes.

Espiritos reconhecidamente operosos como os de Cruz Guimarães, Damon Padilha, Pedro Catão, França Cavalcante, Tancredo Melo, Perdigão de Oliveira, João Brigido, Paulino Nogueira e Barão de Studart, notadamente êste último com os seus importantes trabalhos — "Anais da Imprensa Cearense" e "Para a História do Jornalismo Cearense — 1824-1924", do assunto trataram com minúcias, exgotando-o, sobretudo documentando-o, sabido serem os documentos a "fonte unica donde se arrancam os traços de Paros para os esteios dos herois".

Material abundante existe, pois, despertando a curiosidade do atilado investigador que se disponha a estudar os primórdios de nossa imprensa encarada sob qualquer ponto de vista: social, político, doutrinario, cientifico e literario.

Outro, porém, é o nosso intuito, frisando, apenas, uma tése mais simples — um escôrço historico sôbre o apareci-

---

(*) N. A. — O Ministerio de Educação e Saúde Pública solicitou ao Exmo. Snr. Capitão Roberto Carneiro de Mendonça, "o indispensavel concurso do Govêrno a que dignamente preside" para a elaboração do segundo número do "Anuario" do aludido Ministerio, dentro do programa que lhe foi traçado. Para tanto, encareceu a S. Excia. o sr. Interventor Federal o feitio de três memórias abrangendo as duas primeiras, respectivamente, aspectos da vida educacional e médico-sanitaria do Estado, e para a terceira, "*um*

mento e o desenvolvimento da imprensa regional, isto mesmo nos limites estreitos de notas elucidativas que possam servir de guia ao historiador de amanhã.

A história do jornalismo cearense é de ontem. Nêsse particular, estamos com a opinião de alguem, afirmando não ser ainda tempo de escrevê-la "por serem as personagens que nela se envolvem nossos contemporaneos, faltando-nos aquela distância do tempo que constitúe a imparcialidade."

"Guiset, (apud Perdigão de Oliveira) tambem exprimiu esta grande verdade quando disse que as memórias que se publicam cêdo têm a desvantagem de manifestar o que, muitas vezes, conviria ocultar-se, e deixar no olvido o que é necessario publicar-se. São inconvenientes ou indiscretos.

"Se louvando a virtude, rendendo preito ao merito fazemos sobresair qualquer ato nobre de quem quer que seja, atribuem que a isso somos levados por sentimentos mesquinhos: — a lisonja, senão ao elogiado, a quem com êle tem parentesco — ou então é o tôrpe interêsse a mola real do louvor dado, aliás, com tanta justiça.

"Se, pelo contrário, exprobamos o vício, e com a brasa da maldição condenamos ações vis, é que somos dominados — dizem logo, pelo despeito, pela inveja ou má vontade.

"Grande, portanto, a dificuldade que sempre se antolha ao escritor que se ocupa de fatos contemporaneos".

---

escôrço historico sôbre o aparecimento e o desenvolvimento da imprensa regional em que se assinale com a possivel minúcia e documentação a contribuição cultural, civica e política que lhe deva o Ceará".

Coube a tarefa, na parte relativa á última das memórias indicadas, a quem escreve estas linhas, na qualidade de Diretor do Arquivo Público do Estado, repartição cujos fins, como é sabido, se enquadram justamente com o merito do trabalho em fóco, e na qual, é de supôr, sería encontrado o material necessario ao seu desenvolvimento.

Se, por vezes, abeberou-se o narrador em fontes fóra dos ambitos da documentação existente no Arquivo Público, fê-lo pela carencia de dados que tornassem a monografia mais ampla, quanto preciso se fazia, dentro do limite que lhe foi marcado.

E' de relevancia acentuar que, no desenvolvimento da me-

O PRIMEIRO JORNAL CEARENSE

Foi o DIARIO DO GOVERNO DO CEARÁ o primeiro jornal publicado na então provincia. Nenhuma prova, em contrário, foi aduzida até hoje. E até hoje não se conhece documento algum que venha de encontro ao que está escrito sôbre o estabelecimento definitivo da arte tipografica no Ceará.

Certo é que, anterior ao aparecimento do DIARIO DO GOVÊRNO, se cogitou da instalação dessa imprensa. A idéa, porém, ficou, unicamente, na vontade de quem a alimentou.

Dêsse assunto, tratou-o Frei Alexandre da Purificação em "Memória" apresentada ao Conselho da Provincia — sessão de 4 de março de 1823 — chegando até o govêrno "a aceitar o oferecimento de Francisco José Pacheco de Medeiros para servir, gratuitamente, de administrador e impressor de *uma imprensa livre sem ser dispendiosa á Nação*, e o emprestimo de tipos, que Joaquim Martins Ribeiro se propunha a fazer."

A materia, aliás, já foi explanada, suficientemente, pelo sr. Barão de Studart.

Alguem lembrou-se de negar a "prioridade do Diario" no jornalismo cearense, chegando a essa conclusão por inferencia de documentos do tempo do govêrno Manuel Inacio de Sampaio.

Nada ha de verdadeiro em tal opinião — acrescenta o douto historiógrafo — senão que, realmente, houve uma gazeta no tempo daquêle notavel homem de govêrno, mas essa não era impressa; redigia-a o proprio Sampaio, que a fazia circular. Tal gazeta faz parte do arquivo do aludido escritor.

---

mória em aprêço, ficam relacionados apenas os jornais de maior projeção no cenario político-socio-economico do Ceará, nos dias do Imperio (primeiro e segundo reinados) e da Republica. Não foi computada uma infinidade de outros muitos periodicos que tiveram circulação em várias épocas. E' que nenhuma influência exerceram êles nos destinos da terra, na maioria dos casos de existencia pouco duradoura.

Essa enumeração, aliás, sôbre ser enfadonha, tornar-se-ía desnecessaria, quando somente iria ela interessar a cronologia dos fatos, se anotados fossem, um a um, tais periodicos, sem valor algum, senão o documental. Ademais, se tal sucedesse, êsse relato

Jornais manuscritos sempre existiram. E não foram êles poucos, "com larga edição e circulação".

Para corroboração do assêrto, ainda o sr. Barão de Studart, em seu opúsculo — PARA A HISTÓRIA DO JORNALISMO CEARENSE (1824-1924) — transcreve o seguinte trecho de uma carta que a 16 de setembro de 1823, Manuel do Nascimento Castro Silva endereçava, de Fortaleza, a José Martiniano de Alencar, então no Rio de Janeiro.

"Aqui não correm folhas e bem vê a necesssidade dellas para hum homem ajuisar o estado das cousas, e por tanto aquellas folhas que vir são uteis remeta-me para eu as lêr e dar a lêr aos amigos".

E como última verba, sôbre a controvérsia suscida, arremata o citado escritor: "ninguem disse ainda o título do jornal que precedeu ao DIARIO, nem a oficina tipografica, onde era impresso, o nome do redator ou redatores, a data de seu número inicial, não apareceu alguem para dar noticia de um exemplar que haja ecapado á voragem do tempo ou a que se tenha feito, por acaso, alguma referencia em documentos ou crônica dos dias coloniais".

E' muito curioso e de sumo valor para o caso em apreço, — a leitura das cartas trocadas entre os srs. drs. João Alcides Bezerra Cavalcanti e Barão de Studart, e editadas em anexo, no vol. XXIV (1929) das "Publicações do Arquivo Nacional".

O operoso e ilustrado diretor dêsse importante departamento público da União, examinando os documentos referentes á Confederação do Equadôr (1824), "teve o prazer de deparar com um exemplar da GAZETA DO CEARÁ, o jornalzinho que muito preocupara os eruditos do Ceará, entre os quais o venerando mestre sr. Barão de Studart".

---

não passaria de uma reprodução da alentada monografia — "Para a História do Jornalismo Cearense", do sr. dr. Barão de Studart que exgotou o assunto, registando todos os periodicos publicados no Ceará, da epoca do surgimento do primeiro jornal (1824) aos dias atuais.

Tão detalhada é aludida monografia que os historiadores de hoje e os de amanhã não poderão jamais se ocupar da história do jornalismo indigena sem tê-la sob as vistas como guia seguro do trabalho ou trabalhos que, porventura, tenham em mira, como justamente aconteceu com a presente memória.

Apressando-se "em comunicar o precioso achado ao indefeso pesquisador da história nortista", trocando com êle valiosa correspondencia epistolar, concluiram ambos "*que o achado da "GAZETA DO CEARÁ"* resolve a questão da prioridade do "DIARIO", que não póde ser mais contestado, sôbre qualquer jornal publicado naquêles tempos.

E em face da prova documental ficou esclarecido: a existencia de um jornal impresso (GAZETA DO CEARÁ) saído da *Tipografia Nacional*, posteriormente ao DIARIO DO GOVERNO DO CEARÁ, cujo primeiro número, como já se sabe, é de 1 de abril de 1824, enquanto que a GAZETA, embora sem número, tem a data de 6 do aludido mês e ano.

DE ONDE NOS VEIU O MATERIAL TIPOGRAFICO

De Pernambuco é que nos veiu o material tipografico necessario á fundação da imprensa do Ceará. Mandou-nos Manuel de Carvalho Pais de Andrade, "o presidente da efémera e infeliz Republica do Equadôr", sendo dêle portador a escuna de guerra MARIA ZEFERINA.

É assaz curioso o extrato da sessão do estabelecimento da primeira tipografia cearense (29 de março de 1824).

> "Accórdão, que o Govêrno faría a creação dos Officiaes que deveriam compôr o trabalho da Typographia Nacional, e os Ordenados, que deveriam vencer, em quanto do rendimento della não podessem ser pagos..."

OS PIONEIROS DA ARTE TIPOGRAFICA NO CEARÁ

Francisco José de Sales, mais tarde com o apelido revolucionario de JURUBEBA, foi o seu impressor. Posteriormente, prêso, "pagou com sacrifios e atribulações o amôr ás idéas que professava".

Para "coadjuvar Sales e instruir a mocidade", foram mandados de Recife, em sua companhia, dois compositores — Felipe José Fernandes Lana e Urbano de Espirito Santo, o JEREPEMONGA, da revolução de 24.

JURUBEBA E JEREPEMONGA foram, portanto, os pioneiros da arte tipografica no Ceará

"com o ordenado cada hum de cento e sessent reis por dia, nos primeiros três meses, e dahi ei diante, se lhe augmentaria o ordenado a propor ção de seu adiantamento".

Havia mais dois serventes com a diaria de 200 réis p dia

"...e finalmente haveria hum redactor do DI RIO DO GOVERNO, que seria o p. Gonçalo Ign nacio de Albuquerque Mororó, pessòa de instru ção, e conhecimentos, que venceria o ordenado quatrocentos mil réis".

MORORÓ PAGOU BEM CARO A SUA OUSADIA

Mororó, acusado de ser "o autor das famosas folhas Ceará", — assim articulava um dos itens do libelo acus torio que o levou á fôrca — pagou bem caro a sua temer da em publicar um jornal que se rotulava de órgão dos r publicanos, advogando, portanto, idéas politicas contr rias ao regimen então dominante.

O negociante João Bezerra de Albuquerque foi o e carregado da venda do jornal "e mais trabalhos que sahi sem da typographia".

Reza o documento oficial da época:

"... nomeando o mesmo governo a João Bezer de Albuquerque, negociante desta praça para ve der em sua loge com o lucro de oito por cento: outro sim, que as folhas que não occuparem me folha de papel por hum, e outro lado se vendão vinte réis, e as que passarem a outra pagina, vendão a quarenta réis, porem se for folheto o I prensario como Administrador da Typographia r gulará o preço por que se deva vender".

Havia para a fatura do jornal instruções bem int ressantes.

Eram dêste jaez:

"O Redactor inserirá suas folhas, compo ções e escriptos, as memorias, lembranças e qu xas, que qualquer individuo lhe requerer, e

mesma forma o Imprensario as imprimirá, quando lhe requerem, contanto que peguem a taxa estabelecida, e apresentem assignadas e reconhecidas".

Donde se conclúe que aos primeiros vagidos da imprensa cearense, já cogitava o seu editor, que era o proprio govêrno, das responsabilidades da materia inserida, ou melhor dos delitos dessa mesma imprensa.

E mais êste pedacinho:

"O Redactor, Imprensario, e Gazeteiros serão pegos a quarteis, os ajudantes Compositores mensalmente, os serventes como pessoas pobres semanariamente pela folha que o Imprensario assignará para o Almoxarifado".

Seguem-se as obrigações:

"O Gazeteiro recolherá á Fazenda Pública o resultado das vendas das folhas mensalmente a contar do dia de hoje vinte e nove do corrente (março de 1824). O DIARIO DO GOVERNO terá principio no dia 1º de abril seguinte, e o Redactor será obrigado á dar o Diario duas vezes por semana, nos dias de Quartas e Sabbados.

O imprensario exigirá do Gazeteiro um titulo dos papeis, que recebeu, e por que preço os deve vender transmittindo o titulo ao Governo para enviar a Junta da Fazenda para no fim de três mezes ajustar contas, do que vendeo e recolheo.

E ASSIM NASCEU O PRIMEIRO JORNAL

Foram estes os primórdios do primeiro jornal que teve o Ceará, cuja publicação cessou com a queda do Governo de que era órgão.

O DIARIO DO GOVERNO DO CEARÁ, mesmo assim, logrou publicar dezesete numeros, pelo menos os que são conhecidos, e, por último, arrastou ao patibulo o seu maior responsavel — o Padre Gonçalo Inacio de Loiola de Albuquerque e Melo Mororó, aquêle que perdendo, em face de documentos da época, as qualidades de precursor da Confederação do Equadôr, no Ceará, fez jús, entretanto, á admiração dos pósteros, por ter sabido elevar dignamente

o nome cearense, suportando, com coragem e resignação não comuns, os êrros, de seus julgadores contemporaneos

A IDÉA DE MORORÓ TEVE CONTINUADORES

Ao jornal de Mororó segue-se a GAZETA DO CEARÁ publicada no mesmo ano, e saida da mesma tipografia em que era impresso o DIARIO DO GOVERNO DO CEARÁ

Vem a seguir O CEARENSE (1825), de publicação semanal e de bandeira neutra e com uma existencia relativamente demorada, pois, ha quem afirme dito semanario com vida, ainda três anos após.

Deixando de parte o DIARIO CEARENSE e a GAZETA CEARENSE (1829), esta última com a precária declaração de, apenas, publicar-se duas vezes por mês, *por falta de tipos suficientes*, impedindo-a de saír, pelo menos, semanalmente, surge o DIARIO DO CONSELHO GERAL DA PROVINCIA DO CEARÁ (1829), para, no ano seguinte, dar lugar ao SEMANARIO CONSTITUCIONAL, hebdomadário que punha as suas fôrças a prol da Constituição e da Lei, tudo envidando para fazer conhecer aos de seu tempo "a excelencia do sistema Constitucional-Monarquico-Representativo", as vantagens que dêle deviam esperar "*por ser unico capaz de fazer* (são palavras de seu artigo de apresentação) *a nossa felicidade e por isso teremos o cuidado de offerecermos aos nossos leitores alguns discursos dos mais acreditados politicos, as falas pronunciadas na Tribuna Nacional pelos mais abalizados oradores de ambas as Camaras Legislativas, uma idéa em geral dos trabalhos das mesmas, e igualmente transcreveremos tudo quanto julgamos de melhor dos nossos periodicos defensores da Liberdade Constitucional.*

O SEMANARIO CONSTITUCIONAL era órgão liberal, como ao partido liberal (chimango) jornais, portanto políticos pertenceram O RECOPILADOR CEARENSE (1834), O CORREIO DA ASSEMBLEA PROVINCIAL (1835) e SENTINELLA CEARENSE NA PONTA DO MUCURIPE (1838), tendo em oposição como órgão do partido conservador (*caranguejo*) A OPPOSIÇÃO CONSTITUCIONAL (1836), *refletindo nêste as penas de Jeronimo* Martiniano Figueira de Melo, José Antonio Pereira Ibiapina, o, pelo tempo adeante, célebre missionario Padre Ibiapina, Padre Antonio Pinto de Mendonça e Manuel Jo-

de Albuquerque, figura de prol dêsses recuados tempos; DEZESEIS DE DEZEMBRO e o BARBEIRO (1838), jornal crítico, saído das oficinas dêsse último.

TANTOS QUANTOS OS DIAS DE PRESIDENCIA

O quarto jornal dos enumerados no periodo anterior — SENTINELLA CEARENSE NA PONTA DO MUCURIPE, editado com o objetivo unico de combater a administração do capitão de engenheiros Manuel Felizardo de Sousa e Melo, (8º Presidente), teve dois anos de vida (1838-1839). Circunstancia digna de nota: em seu artigo de apresentação afirmava durar a sua existencia somente enquanto durasse na presidencia Manuel Felizardo. E, com efeito, tal aconteceu, pois o aludido Presidente, tendo tomado posse do govêrno da Provincia em 16 de dezembro de 1837, passou o exercicio ao seu substituto legal, em data de 15 de fevereiro de 1839. SENTINELLA CEARENSE NA PONTA DO MUCURIPE viveu, justamente, êsse tempo...

E COM A ESCOLHA DO PRESIDENTE ALENCAR...

D. PEDRO II, cujo primeiro número é de 12 de setembro de 1840, do segundo em diante chamado simplesmente de PEDRO II, surgiu como jornal da política conservadora, "órgão da oposição ao governo liberal, que se iniciava com a escolha de Alencar (padre José Martiniano) para Presidente da Provincia". Foi no regimen monarquico (segundo reinado), o jornal de maior duração. Publicado no precitado ano, deu ainda sinal de vida nos primeiros dias da Republica com o nome de BRASIL, adotado a 24 de novembro de 1889. Pouco tempo depois (10 de janeiro de 1890), desaparecia, finalizando o seu artigo de despedidas com as seguintes palavras:

> "A desapparição temporaria do nosso jornal não se torna sensivel no momento actual, em que os nossos collegas da imprensa cearense, sempre vivaz ao serviço das idéas generosas, depuzeram no altar da patria os antigos resentimentos e unidos em um só pensamento orientam o espirito público para a reconstrução da patria nova. Del-

le nos despedimos saudosos: e aos nossos antigos e leaes compartidarios enviamos um abraço fraternal de despedida e gratidão."

Diz o sr. dr. Barão de Studart (*op. cit.*) que apesar dos seus proprietarios e redatores dizerem temporaria a desapparição do jornal, êle nunca mais ressurgiu.

Órgão de oposição á administração Alencar, como se declarara, o PEDRO II teve a sua tipografia empastelada Seu principal redator foi o dr. Miguel Fernandes Vieira mais tarde — já na sua efémera fase republicana — recebendo o concurso das penas de Gustavo Gurgulino de Sousa, Torres Portugal, Luiz de Miranda, Paurilio Fernandes Bastos e Gonçalo de Lagos.

O VINTE E TRÊS DE JULHO (1840), fundado para comemorar a ascenção dos liberais ao poder, tomou o nome da data em que D. Pedro II prestou o juramento. Era um dos seus principais redatores José Lourenço de Castro e Silva, político prestigioso em seus dias.

Vêm, depois, O POPULAR cujos redatores foram Saldanha Marinho, Raulino Uchôa e Pedro Pereira, vultos que se salientaram nas competições políticas da então provincia; O EQUILIBRIO, órgão conservador na éra de 184(e A FIDELIDADE (1844), uma transformação do VINTE E TRÊS DE JULHO, folha partidaria que tinha por leme a maxima do Marquês de Maricá: *"Em politica os remedios brandos agravam frequentes vezes os males e os tornam incuraveis"*.

A FIDELIDADE transformou-se, dois anos depois (1846), em O CEARENSE, tendo como fundadores e primeiros redatores Frederico Pamplona, Tristão Araripe e Tomaz Pompeu, contando com as penas de Miguel Aires João Brigido, dr. José Pompeu, Conselheiro Araripe Junio e dr. Paula Pessôa.

O CEARENSE, como o PEDRO II, viveu até poucos dias após o advento da Republica.

JORNAL ATREVIDO

Pelo decorrer do ano de 1848 surge O SETE DE SETEMBRO, jornal que tinha como redator principal o renomado padre Alexandre F. Cerbelon Verdeixa, por autonomásia "O Canôa douda", creatura de genio atrabiliario e irrequieto, *e de quem as crônicas do passado estão cheias* de diatribes. Pelo tempo adeante o nome do padre Ver

deixa se tornou mais célebre, na arena do jornalismo, com a edição do O JUIZ DO POVO (1850), "folha que combatia os portugueses, pregava idéas nativistas".

Jornal atrevido (O JUIZ DO POVO) — escreve o Barão de Studart — e de critica muito para se temer, valeu, ao seu dono fortes perseguições e desgostos.

O padre Verdeixa ainda apareceu em 1863 com um novo jornal — A LIBERDADE, cujo moto era o seguinte: "*Antes os espinhos da liberdade que as flôres da escravidão*".

FEZ EXCEÇÃO Á REGRA

O primeiro jornal, no Ceará, dedicado exclusivamente á literatura, surgiu em 1849. Denominava-se SEMPRE VIVA, colaborando nêle Juvenal Galeno, mais tarde consagrado poeta cearense, portador de um nome que ultrapassou as nossas lindes.

Por serem curiosas e definirem a situação da imprensa de então, preocupada unicamente com as sortes dos partidos politicos que se degladiavam no terreno das competições do mando, tomámos emprestadas, ao sr. dr. Barão de Studart, as linhas que se seguem a respeito dos intuitos dêsse interessante periodico:

"O PEDRO II, de 28 de Novembro de 1849, deu sobre o apparecimento dêsse jornalzinho litterario a seguinte noticia: RECREIO E INSTRUCÇÃO — Segunda-feira, 26 do corrente, sahio á luz nesta typographia o 1° n° da "SEMPRE-VIVA", periodico destinado a deleitar e instruir o bello sexo. E como não só o sexo amavel, como toda sorte de leitores podem tirar proveito de sua leitura por que nella achamos um desenfado e desfastio á essa lucta constante dos partidos, com que quasi unicamente se occupam as folhas da nossa terra; esperamos que todas as pessoas de bom gosto concorram a comprar a SEMPRE-VIVA que se vende a preço de 40 réis cada n° nesta mesma typographia. Bastante habil nos parece a penna que mimoseou a nossa imprensa com aquella publicação, e por isso mais um motivo achamos para que os leitores contribuam para sua continuação, quando não guiados pelo desejo de recreio e instrucção, ao menos pelo de avivar o talento do redactor, que sem isto póde arrefecer e dezistir da empreza".

A CONSTITUIÇÃO (1863), que iniciou a sua publicação duas vezes por semana, tornou-se diario, cessando-

a dois dias depois da proclamação da Republica. Começou sob a redação do dr. Domingos Jaguaribe e por último tinha como redator Justiniano de Serpa.

"Nesse jornal, representante das idéas do partido conservador adeantado, em oposição ás idéas pregadas pelo PEDRO II, tambem órgão conservador de Fortaleza, escreveram ainda, entre outros, Gonçalo Souto, Manuel Soares, Paulino Nogueira, Antonio Pinto, Praxedes Theodulo, Frederico Borges, Martinho Rodrigues e Padre Belarmino J. de Sousa".

JÁ SE SONHAVA COM A REPUBLICA

A êsse tempo já se fazia propaganda republicana através da imprensa, como está a demonstrar o JORNAL DA FORTALEZA (1868), a principio bi-semanario para depois tornar-se diario, sendo órgão da fação liberal.

Foi nêsse jornal que Julio Cezar da Fonseca Filho, o ardoroso republicano, fundador do Clube Republicano, do Aracatí, em (1870), publicou o seu primeiro artigo de propaganda do regimen que teve a sua vitoria em 89, enviando-o como materia de colaboração, daquela cidade-sul da antiga provincia, onde residia, artigo que era arrematado com estas palavras de fogo para os arraiais opositores: "*Deve-se destruir a monarquia*".

Tambem a DEMOCRACIA, aparecido nêsse mesmo ano (1868), pregava idéas republicanas, editado, como fôra, para êsse fim, consoante a sua legenda.

O PRIMEIRO JORNAL REPUBLICANO

Nessa fase de muita coragem civica, sustentando-se idéas em choque com a fórma de govêrno então adotada, tem papel saliente o BARRETE PHRYGIO, o desassombrado periodico de Julio Cezar da Fonseca, publicado em Aracatí, em 1870.

BARRETE PHRYGIO, que apenas publicou um unico número, dizia-se monitor da Revolução e da Republica Êsse exemplar continha os seguintes artigos: "Façamos a revolução. Fóra o rei. O que é a Republica. O tyrannicidio é *justificado por S. Thomaz de Aquino. Cuida* do com o exercito; onde elle predomina, a liberdade é uma

mentira. Provas historicas. Hymno revolucionario (poesia). Grito de desespero (poesia)".

Julio Cezar, destemeroso, sem receiar perseguições identicas ás experimentadas com o seu BARRETE PHRYGIO que teve a sua edição unica dilacerada por ocasião da distribuição, no ano seguinte (1870), de parceria com o padre João Francisco Ramos, publicou, em sua terra natal (Aracatí), A TRIBUNA DO POVO, semanario de propaganda republicana.

A REVOLUÇÃO, publicado no ano de 1872, tambem defendia o credo republicano, sendo de propriedade do Clube Democratico de Fortaleza, do qual eram chefes João Cordeiro e Coronel Paiva.

Em 1880 surge a GAZETA DO NORTE como órgão politico da fação liberal conhecida na provincia pelo nome de POMPEUS.

Tomaz Pompeu, João Lopes, Julio Cezar, João Brigido, Virgilio Brigido e João Camara eram seus redatores.

"Com o advento da Republica, mas já com o nome de ESTADO DO CEARÁ, passou a ser órgão republicano federal, e mais tarde, fundindo-se com o LIBERTADOR, teve o nome de A REPUBLICA.

Essa fusão nasceu de um acôrdo estabelecido entre o Centro Republicano e União Republicana, fazendo com que deixassem de circular aqueles jornais para dar lugar á A REPUBLICA, novo órgão do partido -o Federalista- "em que se fundiram aquelas duas agremiações politicas".

ESTRENUO DEFENSOR DOS ESCRAVOS

O LIBERTADOR era órgão da Sociedade Cearense Libertadora, e tinha como redatores Antonio Martins, Antonio Bezerra de Menezes e Teles Marrocos, vultos que se destacaram na propaganda da abolição.

Frederico Borges, Justiniano de Serpa, Martinho Rodrigues, Almino Alvares Afonso, Abel Garcia e João Lopes, paladinos da nobre cruzada que teve sua redenção a 25 de março de 1883, com a manumissão total dos escravos, no Ceará, cinco anos antes de o país se ver livre dessa mancha negra, eram seus constantes e principais colaboradores.

A proposito da circulação do LIBERTADOR, escreve o sr.Barão de Studart, em seu opúsculo, anteriormente citado:

"Usava a epigrafe: — "Ama o teu proximo como a ti mesmo".

Continuou a publicação até 26 de agosto de 1882 quando a suspendeu para reaparecer em oficinas proprias a 2 de novembro de 1882. Seu prélo veiu de Londres a bordo do "Amazonense" e chegou ao Ceará a 27 de agosto de 1882. Dando noticia ao público da chegada do novo prélo, a Sociedade Cearense Libertadora distribuiu um boletim, que terminava com as seguintes quadras:

Na torpe selvageria
Da treva na escuridão,
De raiva torcem-se os vis
Negreiros desta nação.

Dêste povo cearense
Chegou no *Amazonense*
A voz da opinião:
Os ecos digam na serra
De Alencar sobre a terra
Resurge a lucta em acção.

Os typos e o PRELO NOVO
Areias pisam de cá:
Viva o povo cearense,
Viva o livre Ceará !

Salve, pois, libertadores
Punhado altivo de bravos !
Nesta terra das palmeiras
Não póde haver mais escravos.

O LIBERTADOR foi, poucos anos depois (1885), substituido pelo PROVINCIA DO CEARÁ, de duração, aliás efémera, tendo como redator Antonio Martins. Era diario da tarde.

PERIODO REPUBLICANO

O regimen republicano veiu encontrar na faina jornalistica quotidiana o PEDRO II, que, como já se viu, ado

tou o nome de O BRASIL, CONSTITUIÇÃO e O CEARENSE, órgãos que defendiam os credos politicos liberais e conservadores decaídos.

O primeiro jornal politico que apareceu, nêsse novo regimen, foi A PATRIA, tendo sido publicado o primeiro número a 28 de novembro de (1889). Eram seus redatores Barbosa Lima, o futuro senador da Republica, Justiniano de Serpa, mais tarde deputado federal e Presidente do Estado, Martinho Rodrigues e Ferreira Santiago.

Eleitos membros do Congresso Federal os seus principais redatores — Barbosa Lima e Justiniano de Serpa — após a eleição procedida a 15 de setembro do ano seguinte, cessou a A PATRIA a sua publicação.

O ESTADO DO CEARÁ foi o segundo jornal republicano, (1890), substituindo a antiga GAZETA DO NORTE. Da sua fusão com o LIBERTADOR, surgiu A REPUBLICA (1892).

Em consequencia da cisão do Centro Republicano, então no seu apogeu, surgiu em 1891 O NORTE, diario da tarde, tendo como redatores Martins Rodrigues, João Oton, Gonçalo de Lagos, Justiniano de Serpa, Alves Lima, Pedro Gomes da Rocha e Drummond da Costa.

Foi jornal governista, publicando o respectivo expediente. Depois tornou-se órgão de oposição, o que lhe valeu amargurados dias em sua existencia.

A 9 de abril de 1892 surge A REPUBLICA, resultado da fusão do LIBERTADOR e do ESTADO DO CEARÁ. Passou a ser o jornal encarregado do expediente do govêrno.

A REPUBLICA viveu por espaço de quatro lustros, "até a queda da administração Nogueira Acioli, quando desapareceu, sendo destruida parte do seu material por alguns exaltados oposicionistas á situação política então dominante".

Segundo uma nota do sr. Barão de Studart (*op. cit.*) o seu último número distribuido foi o de 22 de janeiro de 1912; o material do de 23 já estava no prélo. Seu remanescente foi vendido e aproveitado para a publicação do novo órgão oficial — FOLHA DO POVO — do govêrno Franco Rabelo, que apeou do poder o sr. Nogueira Acioli.

E "O PÃO" . . . SURGIU

Nêsse ano de 1892 surgiu, na imprensa da terra, um pequeno jornal, de feição puramente literaria, e que po-

derosamente influiu nos destinos da pujante agremiação de letras — *PADARIA ESPIRITUAL* — de que era genuino órgão: O PÃO.

O primeiro número dêsse periodico traz a data de 10 de julho do referido ano. Houve solução de continuidade na sua publicação, suspenso como esteve por algum tempo, para reaparecer a 1 de janeiro de 1895, sob a direção de Antonio Sales, o consagrado escritor conterraneo.

Justiniano de Serpa, que sempre brilhou na imprensa citadina, redige, em companhia de Alvaro Mendes, Roberto de Alencar e José Lino da Justa, o DIARIO DO CEARÁ, editado em 1894.

Dois anos somente de vida teve êsse jornal, ocasionando em seu artigo "o rompimento formal dos jornalistas e politicos Martinho Rodrigues e Justiniano de Serpa, até então amigos intimos".

CEARÁ era o nome de um jornal, órgão do Partido Republicano do Estado, vindo á luz da publicidade no ano de 1895.

Folha partidaria, "agremiou as parcialidades políticas representadas pelos extintos CEARENSE e NORTE", sendo os principais redatores os politicos de larga projeção em seu tempo — Conselheiro Rodrigues Junior, drs. Martinho Rodrigues, Alvaro de Alencar, J. Oton e Pedro Rocha.

Tiburcio Rodrigues, com José Martins publicou O REBATE no ano de 1898, semanario que o fez passar serios amargores que ainda mais tornavam agressiva a sua virulenta pena, profligando os erros dos que lhe caíam no desagrado, em justificativa, aliás, do moto que lhe servia de guia: *"Rindo, digo a verdade"*.

O destemeroso jornalista, falecendo nêsse mesmo ano, teve a sua memória lembrada com a publicação de uma poliantéa, encabeçada com o seu nome, homenagem de amigos e admiradores (27 de outubro de 1898).

O MAIS TEMIDO DE SEUS DIAS

Em 1903 surge o UNITARIO, o jornal mais temido do seu tempo pelo desassombro e virulencia da linguagem do seu redator principal, João Brigido, que não admitia *"recuos nem dubiedades" de quem quer que fosse, por isso* mesmo tornando-o respeitado. O seu responsavel experi-

mentou momentos bem vexatorios, assistindo a destruição do seu jornal por mais de uma vez. Isto, porém, não arrefeceu o destemor de João Brigido, que somente suspendeu o UNITARIO, definitivamente, quando o seu precário estado de saúde não mais permitia a atividade jornalistica.

Em oposição á politica dominante, em 1904 surgiu o JORNAL DO CEARÁ, tendo como diretor Valdemiro Cavalcanti, contando com varios colaboradores, dentre êstes salientando-se João Brigido, "em luta aberta contra o comendador Antonio Pinto Nogueira Acioli e seu sucessor na administração dr. Pedro Augusto Borges".

Com a transformação politica que se operou, no Estado, em 1912, conhecida pela "época das salvações", no periodo presidencial do sr. Marechal Hermes da Fonseca, publicou-se o JORNAL DA MANHÃ de direção do dr. Luiz Santos, diario que chegou até a editar, em começo, o expediente do govêrno, para ceder essa publicação, dias após, á FOLHA DO POVO, jornal que nêsse mesmo ano surgiu como órgão do Partido Republicano Democrata e tornou-se órgão oficial do govêrno que galgara o poder com a queda do presidente Nogueira Acioli. Era seu diretor o jornalista H. Firmeza, pelo tempo adeante, representante do Ceará, na Camara baixa do país.

Em 1915 (2 de março) surge o CORREIO DO CEARÁ, consagrado aos interêsses vitais do Estado. Propriedade e direção do sr. A. C. Mendes, por sua redação tem passado lúcidas inteligencias que muito têm contribuido para a simpatia pública que ainda hoje desfruta o bem feito vespertino.

Em 1920, a FOLHA DO POVO fundiu-se com o ESTADO DO CEARÁ (jornal político) representante do grupo conservador chefiado pelo dr. José Acioli e cujo primeiro número é de 3 de maio de 1919 e apareceu sob o título de DIARIO DO CEARÁ.

A FOLHA DO POVO era órgão rabelista (adeptos do coronel Franco Rabelo) e O ESTADO DO CEARÁ, aciolino (partidarios do dr. Nogueira Acioli).

Posteriormente, o DIARIO DO CEARÁ passou a representar somente as idéas do Partido Democrata (rabelista) tendo como diretor-politico H. Firmeza.

Um outro órgão político surgiu na arena jornalistica — O RADICAL (24 de maio de 1913), em substituição á folha do dr. Luiz Santos — JORNAL DA MANHÃ. Era

seu diretor Moacir Caminha e redator-chefe o capitão dr. Gentil Falcão, vitima de grave atentado contra a sua vida, que levou á suspensão definitiva dêsse diario.

Em 1914 aparece o DIARIO DO ESTADO, matutino, sob a direção do dr. Soariano de Albuquerque, mais tarde substituido pelo dr. José Sombra, tambem com êsse encargo por poucos meses.

O DIARIO DO ESTADO, tendo desaparecido no mesmo ano de sua publicação, surgiu numa segunda fase, dias depois, escrevendo, a proposito, o sr. Barão de Studart (*op. cit.*) as seguintes linhas:

> "Desapareceu a 21 de novembro de 1914 devido ao assassinato do dr. João Demetrio de Menezes, que assumira a direção a 21 de agosto.
>
> Em 2ª fase reapareceu a 13 de dezembro como representante do Partido Republicano Conservador, tendo estado á sua frente, no carater de diretor politico, o dr. Aurelio de Lavor e redator-chefe Julio de Matos Ibiapina. Seu artigo de apresentação sob o titulo — *De novo* — começa assim:
>
> "O DIARIO, que desapareceu da circulação em consequencia do barbaro, frio e covarde assassinato do seu diretor dr. João Demetrio de Menezes, ressurge, transformado em órgão de propaganda dos principios politicos que fizeram, fazem e farão para sempre a fôrça invencivel do P. R. C. Cearense e sob a direção do grande repúblico Thomaz Cavalcanti".

Cabe ao DIARIO DO ESTADO a primazia de haver introduzido, no Ceará, o sistema de impressão de linotipo.

No govêrno do sr. dr. João Tomé de Saboia e Silva, publicou-se a GAZETA OFFICIAL (1917), sob a direção do Oficial de Gabinete da Presidencia do Estado, dr. Leonardo Mota, destinada ás publicações oficiais.

A GAZETA OFFICIAL teve apenas a duração do periodo administrativo do govêrno que a criou.

Já, anteriormente (1891), govêrno do General José Clarindo de Queiroz, foi editado o CORREIO OFFICIAL, por sua vez destinado ás publicações oficiais dêsse periodo governamental.

Como órgão do partido Republicano Cearense, em 1921, surgiu A TRIBUNA, vespertino que obedecia á orientação política do dr. Manuel do Nascimento Fernandes Tavora, figurando em sua redação, em varios periodos, Elcias Lopes, Renato Viana, Gomes de Matos e Ademar Tavora.

A TRIBUNA, como jornal oposicionista ao seu tempo, foi obrigada a suspender a sua publicação e fê-la de uma vez...

Sob a direção de Raimundo Montes Arrais e redação de Manuel Monteiro e Clovis Monteiro, em 1924 publicou-se o JORNAL DO COMMERCIO, órgão politico que obedecia á orientação do partido aciolino, tendo de existencia para mais de um lustro.

O NORDESTE, de orientação exclusivamente catolica, publicou o seu primeiro número a 29 de junho de 1922. Primitivamente, teve como redatores principais os srs. drs. Andrade Furtado e José Martins Rodrigues, achando-se, presentemente, a sua direção confiada ao primeiro dos citados jornalistas, auxiliado por uma pleiade de talentosos moços que emprestam a sua atividade ao apreciavel vespertino que se rotúla como — "o diario de maior assinatura do Estado".

A GAZETA DE NOTÍCIAS teve o seu primeiro número publicado a 10 de julho de 1927, a princípio, confiada a sua direção a Antonio Drummond (seu fundador), vitima de barbaro atentado, roubando a vida do inesquecivel jornalista quando a sua existencia era mais necessaria á familia e á sociedade em que vivia.

Atualmente a direção da GAZETA DE NOTÍCIAS está confiada ao espirito culto do dr. Kerginaldo Cavalcanti.

O CEARÁ, matutino de direção de J. de Matos Ibiapina, teve brilhante atuação na imprensa citadina. Seu primeiro número data de 1925, vivendo pouco mais de um lustro.

Matos Ibiapina, jornalista de enfibratura invulgar, com o desaparecimento do O CEARÁ, pouco tempo depois publicou a NAÇÃO (1931), que teve a sorte do seu primeiro jornal, fechando definitivamente as oficinas com o embarque de seu diretor para o sul do país.

Em 1928, Democrito Rocha que já demonstrara o seu talento jornalistico, ao lado de Matos Ibiapina, como um dos mais brilhantes redatores do O CEARÁ, publicou O POVO, vespertino que, pelas atitudes definidas e desas-

sombradas de seu fundador, logo cêdo se impoz ao conceito público, tornando-se um órgão popular.

Pais de Castro, nome já conhecido nas lides jornalisticas da terra, como redator do O CEARÁ e NAÇÃO, em dias do corrente ano publica a A RUA, matutino de sua direção e propriedade, contando com o auxílio direto, como um dos seus principais redatores, de Vicente Medeiros inteligencia esclarecida e treinada na vida de imprensa.

Merece especial registo a publicação, no ano de 1920 (4ª sessão da 7ª. Legislatura) do DIARIO DOS DEBATES da Assembléa Legislativa do Estado, cuja direção foi confiada ao diretor da aludida assembléa, dr. Mozart Catunda Gondim.

Diariamente, pelas colunas dêsse órgão, o público ficava ao corrente do movimento dos trabalhos legislativos com a edição que se fazia da ata de sua sessão anterior, in tegra dos projetos apresentados e discutidos e discurso proferidos.

POR FALTA DE JORNAIS . . .

Diarios outros existiram, em Fortaleza, no primeiro periodo republicano, de existencia, porém, pouco duradoura, podendo-se enumerar os seguintes:

O DIARIO (1892) de redação de Adolfo Caminha e F de Oliveira e Silva; VOZ DO POVO (1893) órgão que se dizia independente e tinha como redator J. de Freitas; O COMMERCIO (1893) redatoriedo por Servulo Juaçaba, sendo mais tarde substituido pelo DIARIO DO CEARÁ; JORNAL DA TARDE (1895), órgão do comércio, indústria lavoura, de propriedade de José Olimpio e redação de T Burcio de Oliveira; GAZETA DA TARDE (1908), redatores dr. Carlos Sá e Hildebrando Acioli; CORREIO DA TARDE, que se dizia jornal da atualidade e tinha como redatores Jaime Vasconcelos, Alberto Montezuma, e Artu Rocha; A IMPRENSA (1912), órgão do grupo politico chefiado pelo dr. Nogueira Acioli cujo último número é de 9 de novembro, em virtude dos acontecimentos políticos dêsse ano; A TRIBUNA (1914, diario político publicado sob a redação de José Castelo Sombra; A PALAVRA (1914), jornal político e noticioso de redação de Renato Viana e direção política do coronel Nogueira Sampaio; O DIA (1914), jornal político, red:

Bomfim; A TARDE (1914), diario politico, comercial e noticioso, de direção de Elcias Lopes; O IMPARCIAL (1915), diretor Teodoro Vieira; JORNAL DO COMMERCIO (1916), que substituiu A TARDE; O JORNAL (1916), órgão independente que tinha como diretor o dr. Raimundo Gomes de Matos e secretário Carvalho Junior; A NOITE (1916), publicado sob á redação de Renato Viana, que a deixou no periodo do primeiro mês; JORNAL DO NORTE (1917) órgão independente; JORNAL PEQUENO (1917) de propriedade e redação do dr. Luiz Santos, cuja publicação foi suspensa com a retirada dêste para o Rio de Janeiro, reaparecendo no ano de 1920 sob a responsabilidade de Deusdedit Gondim; O NORTE (1919), matutino independente, consagrado aos interêsses do Norte, de direção de Elcias Lopes e secretaría de Clovis Monteiro; ESTADO DO CEARÁ, (1919), jornal político, representante do Grupo Conservador chefiado pelo dr. José Acioli; GAZETA DO CEARÁ (1921) destinada a fazer a propaganda da candidatura dos drs. Artur Bernardes e J. J. Seabra á presidencia e vice-presidencia da Republica e tinha como redatores F. Rocha Lima e L. Costa Andrade.

Do seculo e poucos anos do aparecimento do jornal do Padre Mororó (DIARIO DO GOVERNO DO CEARÁ — 1824) á época atual, enumera-se uma relação de perto de duas mil publicações impressas (o sr. dr. Barão de Studart, em seu opúsculo "Para a história do jornalismo cearense" regista até o ano de 1824... 1435 jornais) de todos os feitios e tamanhos e de feição intelectual ao talente de seus organizadores, a maior parte de tais publicações, porém, de projeção quase nula nas lides jornalisticas, em virtude de sua existencia... passageira.

E SURGIRAM AS PRIMEIRAS PERSEGUIÇÕES

Assim como o hábito de surrar jornalistas, no dizer de Assis Cintra não é coisa nova no Brasil, o cerceamento da liberdade de imprensa naseeu, sem dúvida, com os seus primeiros vagidos.

No Ceará, é sabido, o seu jornalismo surgiu com o DIARIO DO GOVERNO DO CEARÁ. Mororó, o seu fundador, pagou, bem caro, a sua temeridade em publicar um jornal que se rotulava de órgão dos republicanos, advogando, portanto, idéas contrárias ao regimen dominante.

Tambem o seu editor, Francisco José de Sales, habilis
mo impressor, que veiu ao Ceará, em 1824, especialmen
para montar e dirigir os trabalhos da tipografia enviad
de Recife, por Manuel de Carvalho Pais de Andrade, f
prêso e perseguido, e embora fosse apenas partícipe e
idéas na revolução daquele ano, todavia a sua atuação
fatura do primeiro jornal cearense poderosamente influ
nos contínuos vexames por que passou então.

Só em 1835, porém, dois lustros após a publicação
jornal do Padre Mororó, e quando já se catalogava o ap
recimento de meia duzia de periodicos de todos os feiti
artisticos e de todas as feições partidarias, é que nos d
as crônicas, notícias das primeiras perseguições sofrid
pela imprensa do Ceará.

Em primeiro lugar, anota-se o CORREIO DA ASSE
BLÉA PROVINCIAL, "o mais sisudo e extrenuo defens
da ordem e liberdade daqueles tempos, conquanto a prin
pio não tivesse êsse destino", órgão liberal que tinha cor
redator José Lourenço de Castro e Silva e como editor
o açoriano Jorge Acurcio da Silveira, Luiz de Vasconcel
e Antonio Eloi da Costa. Todos êles sofreram grand
dissabores como responsaveis pela edição dêsse semanar
cabendo, porém, a Acurcio maiores tormentos, natur
mente por haver desempenhado papel mais saliente q
os outros.

EM VEZ DE TIPÓGRAFOS . . . TIPÓGRAFAS

A história da perseguição movida contra Acurcio
de-se resumir, em suas linhas gerais, dêste modo: o
vêrno, procurando fazer desaparecer aquele periodico, q
lhe não rendia homenagem com louvaminhas á sua adm
nistração, ordenou que os seus compositores fossem
crutados. Isso foi o bastante para que ninguem mais
atrevesse a pegar no componedor.

Era natural o temor. A vexatoria medida, posta
prática vezes anteriores, dera o resultado esperado.

Acurcio, tipo de rara fibra, temperamento de luta
pouco vulgar, não esmoreceu ante a violenta providên
Ordena ás filhas mais velhas que substituam os tipóg
fos, ensina-lhes os segredos da arte e faz com que o jor
não interrompa a sua publicação. No dizer de infatiga
perquiridor de nossas coisas historicas,foi êsse um ato de

sombro, cujo valor bem póde julgar quem conhecer o rigor com que, fóra da lei, eram punidos, naquele tempo, os delitos da palavra.

O segundo periodico perseguido pelo govêrno foi a OPPOSIÇÃO CONSTITUCIONAL, fundado, ao seu tempo, (1826), para dar combate á administração Alencar (1°), jornal, portanto, apoiado e mantido pelo partido *caranguejo* ou conservedor. Era seu impressor e tipógrafo o mineiro Aureliano Marcolino de Melo que, por ordem do Presidente da Provincia, foi recrutado e recambiado para o Pará, sistema êsse adotado naquelas éras, quando o responsavel por um periodico não comungava com as idéas governamentais e se arriscava a, em público, condena-las.

O PRIMEIRO QUE SOFREU EMPASTELAMENTO

Póde-se dizer ter sido o PEDRO II o primeiro órgão de imprensa, no Ceará, que sofreu empastelamento em suas oficinas.

Êsse jornal substituiu o DEZESEIS DE DEZEMBRO. Foi publicado em homenagem á posse de Manuel Felizardo de Sousa e Melo, presidente (8°) conservador. Por isso, mesmo, mais tarde, passou pela desdita de ver sua tipografia empastelada. Isto sucedeu na segunda administração do senador José Martiniano de Alencar, o 12°. presidente que teve o Ceará.

O PEDRO II nascera, portanto, combatendo a politica liberal daquela época. Exerceu, não ha dúvida, influência direta na vida do partido cujo pensamento representava. Teve os seus dias de glórias e tambem os de decepções.

A política, porém, que tudo póde e tudo consegue, não levou muito tempo para o emaranhar nas malhas de uma intriga pequenina, propria dos meios ignáros, provincianos. Forçou-o, pela virulencia de sua linguagem, a tomar uma atitude decidida no terreno de sua exploração. E não foi dificil, com êsse proposito, compeli-lo a entrar para o rol dos jornais "amarelos" e "vermelhos".

A represalia não tardou, entretanto.

Certa noite, assécias do govêrno, em cujo número, para maior escandalo administrativo, figuravam até parentes do presidente Alencar, ás ordens do dr. Miguel Aires do Nascimento, o futuro desembargador, conforme sua propria confissão, armados de machados invadem a

tipografia, localizada, ao seu tempo, á rua dos Mercadores hoje avenida Conde D'Eu. Tudo o que lá encontraram foi reduzido a frangalhos.

E OS TIPOS FORAM JOGADOS AO MAR

É interessante o destino original, unico talvez na especie, que tiveram os tipos: metidos dentro de um sacco foram atirados ao mar, nêsse tempo, bem proximo daquel local.

Assim narra o sr. Barão de Studart, o ignominioso atentado (*op. cit.*):

> "Na administração Alencar, a typographia foi empastelada e os typos levados em saccos e atirados ao mar. A typographia funccionava ainda então á rua dos Mercadores, rua de Baixo, rua Senna Madureira, actual Conde D'Eu, e na casa do proprietario dr. Miguel Fernandes Vieira.
>
> Nessa casa, que faz quina e olha para a praça da Matriz ou Caio Prado, morou tambem Conrado Jacob Niemeyer, o presidente da celebre Commissão Militar.
>
> José Lourenço, no seu livro "Refutação ás calumnias de Antonio Theodorico", narra assim o quebramento da typographia do PEDRO II:
>
> -- Chegava o Senador Alencar, de Sobral, onde de fôra atraiçoado soffrendo vivo fogo.
>
> Reune immediatamente seus amigos e lhes faz sentir seus receios. Nomeia a três destes -- chefes de corpos de voluntarios — para velarem pela sua pessôa dia e noite; e autorisou-os a escolherem cada um as pessôas de sua confiança.
>
> Foi nomeado para o 1º logar o juiz de direito João Paulo, para o 2º e para o 3º seu secretário Frederico Pamplona.
>
> Na noite da guarda deste, teve logar o quebramento do prélo.
>
> Eu estava em minha casa, e fui chamado ás 10 horas, não sendo anteriormente avisado.
>
> Chegando a palacio, encontrei apenas meu cunhado João da Rocha (ajudante de ordens da presidencia) o qual passeava fóra do palacio;

ahi o inspector da thezouraria provincial Delermando, o contador da geral Augusto Carlos A. Garcia e seu irmão tenente-coronel Gervasio.

Soube que o senador, acabando de lèr a folha da opposição, dissera *que por menos disso quebravam-se typographias no Rio e em allo dia.*

Bastou para que *os amigos* entendessem o recado.

O ajudante de ordens, sendo tambem chamado na occasião em que fui, duvidou que o senador consentisse em um attentado, que devia compromette-lo profundamente. Foi, portanto, do logar da reunião com vistas de impedir a execução dêsse escandalo, mas tendo lhe sahido ao encontro o Sr. Dr. Miguel Ayres do Nascimento, tenente-coronel Franklin de Lima e outros parentes muito proximos do Presidente, immediatamente retirou-se.

Os machados, troando toda a cidade, fizeram o seu officio.

Pouco me demorei em palacio, vendo chegar os senhores acima mencionados com lenços amarrados a cabeça, e em seguida os srs. Labatut e alferes Brazil armados de machados em companhia de outros muitos.

Não é uma revelação; porque um desses que contrariou o intento do sr. Rocha, fazendo-se depois de cordeiro, disse ao Sr. Dr. Miguel Fernandes logo que chegou o general Coelho *que fôra o ajudante de ordens quem capitaneava os soldados* que arrombaram sua porta para quebrarem a typographia!!

Em 1847, foi esta materia exposta com todas as circunstancias e os autores do quebramento não poderam contestar. O proprio senhor Dr. Ayres, hoje desembargador, declarou em sessão pública que fôra elle quem capitaneava o grupo."

Foi o PEDRO II o primeiro jornal, no Ceará, que sofreu as consequencias desastrosas, dêsse jaez, por fazer opposição ao govêrno constituido, numa época em que a imprensa exercia o maximo prestigio em todas as camadas, "sobretudo entre os politicos", e que, no dizer de Rocha Pombo, tanto na côrte como nas provincias, e principalmen-

te nas provincias, o jornal era fôrça incomparavelmente maior do que é hoje.

Diz o sr. Barão de Studart que "citar os nomes de PEDRO II, O CEARENSE, O EQUILIBRISTA e ajuntar-lhe a CONSTITUIÇÃO, órgão conservador, publicado em 1862 e o LIBERTADOR, que é de 1º de janeiro de 1831, equivale a recordar os partidos politicos do Ceará, com seus programas, lutas, decepções e triunfos, e a fazer a história politica e administrativa da antiga provincia."

O empastelamento do PEDRO II não ficou isolado. Foi como o início da serie de muitos outros que as crônicas registam.

No mesmo ano destas investigações (1840) depara-se nos, ainda, o quebramento do prélo em que funcionava o POPULAR, órgão tambem conservador, editado, como o PEDRO II, em Fortaleza, e cuja redação era confiada a três vultos de incontestavel preeminencia: Saldanha Marinho mais tarde conhecido politico republicano, Raulino Uchôa e Pedro Pereira.

Em 1850 — O JUIZ DO POVO, redigido pelo celebrizado padre Cerbelon Verdeixa, "combatendo os portugueses e preegando idéas nativistas, jornal atrevido e de crítica muito para se temer", valeu ao seu dono fortes perseguições e desgostos.

Tão somente porque Elias Martins de Sá, perito artista de seu tempo, idealizara e construira o prélo para a impressão dêsse jornal, o Presidente da Provincia demitiu o do emprêgo de administrador da cadeia, que então exercia, e mandou prender o filho! . . .

Em 1853 — O COMMERCIAL teve seus tipógrafos recrutados, sendo então o serviço feito pela mulher e cunhada do proprietario Francisco Luiz de Vasconcelos.

Em 1865 — O TAGARELLA passou pelo dissabor de ver um dos seus redatores, o professor José Henrique prêso e recrutado.

O BARRETE PHRYGIO, interessante jornalzinho, francamente republicano, que no ano de 1869 nasceu, exclusivamente, da coragem de um rapaz de pouco mais de 18 anos de idade — Julio Cezar da Fonseca, foi a terceira vitima de violencias contra os jornais.

POR UM TRIZ NÃO FOI PARA A GUERRA

Muita gente ignora ter sido Julio Cezar o fundador de um clube republicano, em meados de 1870, no Aracatí, o primeiro do Ceará e anterior ao Clube Republicano do Rio de Janeiro criado pelo manifesto de 3 de dezembro, sendo aclamado seu presidente, declinando, porém, do cargo, por fôrça de sua pouca idade — vinte anos incompletos.

O BARRETE PHRYGIO só logrou saír um número. Agressiva era a sua linguagem. Pregava a revolução com fosquinhas á monarquia e endeosamento á sonhada Republica.

Eram de suas minusculas páginas, êstes versinhos, estribilho de um híno revolucionario:

"Quebre-se o cetro do rei
Rasgue-se o manto real !"

Ou então esta quadrinha, final da poesia.

"Convertam-se os régios mantos
Em andrajos da pobreza,
Sirvam as taboas do trono
P'ra esquife da realeza".

(Apud Barão de Studart).

Julio Cezar da Fonseca, como era de prever, sofreu vexames da policia. Não se contentou esta em sacrificar-lhe o unico número editado de seu "vermelho" jornalzinho. Dilacerou-os, um por um . . . E foi além: quís recrutar o fogoso redator para a guerra do Paraguai, nêsse ano já nos seus estertores. Valeu-lhe, porém, a influência de um chefe liberal, seu parente, aliás, o sr. dr. Hipolito Cassiano Pamplona.

O BATURITÉENSE, hebdomadário que se dizia neutro entre os partidos politicos, dirigido por Auxencio Rodrigues e Antonio Brigido, e que, em 1883, se editou em Baturité, foi tambem empastelado.

Motivou essa violencia, cujos pormenores são desconhecidos, a publicação do pequeno jornal crítico — A TARRAFA, saido de suas oficinas.

No regimen republicano enumera-se, em primeiro lugar, O RELAMPAGO, jornalzinho que nascera em Forta-

leza poucos dias após a proclamação da Republica (24 de novembro). Foi confiscado pela polícia.

Em segundo lugar vem O NORTE, diario da tarde, nascido por fôrça de uma cisão no proprio seio do partido republicano. Eram seus redatores: Martinho Rodrigues, Gonçalo de Lagos, Justiniano de Serpa, Alves Lima e Drummond da Costa.

Êsse jornal passou por várias vicissitudes em sua vida. Foi órgão do govêrno, tornou-se oposicionista, chegando a suspender a sua publicação por três vezes — a última delas após uma luta agitadissima, quando foi "arrombado o edificio onde funcionava e destruida parte de seu material tipografico".

NA FALTA DE GAZETEIROS . . .

O REBATE, conhecido hebdomadário de Tibureio Rodrigues, cujo primeiro número é de 27 de março de 1898, por sua vez sofreu da situação política de então a mais tenaz perseguição, levando o seu redator principal a tomar essa atitude suprema: não encontrando um só garoto que se dispusesse a apregoar, na via pública, o seu valente semanario, pela caça continua da polícia aos seus vendedores, Tibureio Rodrigues, com uma coragem inaudita, sem limites, sem olhar o perigo a que se expunha, sobraçando um maço de jornais, ia pelas ruas de Fortaleza distribuindo sua atrevida gazeta, nenhum caso ligando ás consequencias, porventura lamentaveis, que pudessem advir dêsse ato temerario... Tibureio Rodrigues, poucos meses depois falecia, desaparecendo com êle o seu desabusado periodico.

Em 1905 — A REACÇÃO, que tinha como redator João Batista de Melo Rabelo, foi obrigada a suspender a sua publicação. Seu redator emigrou para o Maranhão levado por um processo movido contra a sua pessôa — pelo uso de armas proíbidas ! . . .

Em Barbalha, no ano de 1906, foi empastelado O INSTRUCTOR, que era dirigido por M. Ferraz, J. Roberto e H Lopes e propriedade da "Empresa Progredior". Reapareceu, posteriormente.

No ano de 1913 — O RADICAL, jornal político que havia substituido o JORNAL DA MANHÃ, deixou de ser editado em virtude do barbaro atentado de que foi vitima na propria redação, o seu redator-chefe dr. Gentil Falcão

CADA VEZ MAIS AGRESSIVO

Houve, no Ceará, um jornal que num periodo relativamente curto, três lustros e pouco de existencia, apenas, sofreu solução de continuidade em sua circulação, sendo por três vezes destraido: uma em 1906 (1 de janeiro), outra em 1912 (9 de novembro) e a terceira em 1914 (25 de janeiro). Foi o UNITARIO, valente vespertino que, desassombradamente, pontificou na imprensa indigena, dando sempre flagrantes e vigorosos atestados do pêso do pulso que o dirigia — João Brigido dos Santos, tipo perfeito do jornalista de combate, temperamento não comum de homem de enfibratura tal que jamais media o terreno quando queria atacar, custasse o que custasse, embora desabassem os céus. Como jornalista, póde-se esteriotipar o perfil de João Brigido nestas poucas palavras: raro foi o individuo, no Ceará, que ao seu tempo exerceu função pública, que não tivesse passado pelo cadinho de sua causticante pena, com arranhões, na maior parte, pouco lisonjeiros, á dignidade propria.

O UNITARIO, máu grado as perseguições sofridas, desaparecendo hoje para surgir amanhã mais violento e mais agressivo em sua linguagem, suspendeu, por fim, sua publicação, aliás, por um ato todo expontaneo de seu diretor, já octogenario e quasi cego, impossibilitado de maior esfôrço intelectual. Seu último número é de 24 de fevereiro de 1918.

Poucos anos depois falecia o seu fundador e unico proprietario, na época, tido, sem o menor favor, pelos muitos requisitos que possuía, como o principe dos jornalistas do norte do país.

Na éra das "salvações", fase política e angustiosa que atravessou o Brasil na administração presidencial do sr. Marechal Hermes Rodrigues da Fonseca, apeado do govêrno do Ceará, o sr. Nogueira Acioli (1912), quebraram o prélo do jornal A REPUBLICA, órgão oficial, sendo a causa determinante, como é natural, o ódio político nascido de adversarios rancorosos, que aguardavam o momento propicio para um desabafo.

A REPUBLICA, cujo último número é de 22 de janeiro de 1912, desaparecendo, seu material foi aproveitado na publicação da FOLHA DO POVO, jornal oficial do govêrno Franco Rabelo, convertido mais tarde (1920) em DIARIO DO CEARÁ, resultado da fusão da FOLHA DO

POVO, órgão rabelista, surgido a 13 de fevereiro de 1912, e do ESTADO DO CEARÁ, órgão acciolino.

O DIARIO DO ESTADO, que em sua primeira fase era de propriedade do sr. Alvaro C. Mendes e cujo primeiro número é de 2 de abril de 1914, desappareceu a 21 de novembro do mesmo anno, devido ao barbaro assassinio de seu diretor, dr. João Demetrio de Menezes.

Reappareceu em 17 de dezembro, ainda do mesmo anno, com feição e direção politica diferente da primeira fase.

A LUTA, hebdomadário publicado em Sobral no anno de 1914, cuja divisa bem denuncia o temperamento ardente do destemido cidadão que o dirigia (Deolindo Barreto) — "*Conte-se o caso como o caso foi. O cão é cão, o boi é boi. Diga-se a verdade na terra embora desabem os céus* — desappareceu com a morte de seu diretor a 15 de junho de 1924, gravemente ferido, três dias antes, num conflito occorrido naquella cidade-norte do Estado por motivo de eleição que alí se procedia para senador e deputado federais.

TENHA A PALAVRA SUA MAJESTADE
— O SILENCIO !

Circunstancias de ordens politicas forçaram A TRIBUNA a suspender sua publicação.

Êsse vespertino, cujo primeiro número é de 1 de janeiro de 1921, e que se dizia "*ÓRGÃO DO PARTIDO REPUBLICANO CEARENSE*, jornal quotidiano, politico, noticioso e informativo", tendo como diretor o dr. Manuel do Nascimento Fernandes Tavora, assim justifica, em suelto de sua edição, o seu desapparecimento:

> "Não nos convindo o papel de phonógrapho repetindo, invariavelmente, o que deseja o govêrno federal, actualmente o maior collaborador de jornais brasileiros, suspendemos hoje a publicação desta folha, aguardando dias melhores.
>
> "Nossa palavra não póde agora ser ouvida porque a verdade jamais agrada aos poderosos.
>
> "Vamos, pois, repousar um pouco das fadigas da lucta e, emquanto a ella não volvermos illuminados pelo clarão da liberdade, cedemos a palavra a sua majestade — O Silencio !"

E, com a edição de 18 de agosto de 1924, A TRIBUNA *ensarilhou armas . . .*

O REBATE, semanario sobralense, vindo a publicar-se a 21 de abril de 1907, a principio redatoriado pelo dr. Alexis Barbosa Morim e, por último, exclusivamente entregue á direção do jornalista V. Loiola, pela causticante linguagem dêste, fê-lo passar, várias vezes, por serios vexames. Loiola chegou até a ser levado á barra do tribunal popular pelo crime de calúnias impressas, já com a saúde bastante alterada, o que contribuiu para abreviar o seu infortunio, morrendo, e com elê o seu valente jornal.

O CORREIO DO CEARÁ, no ano de 1926, esteve envolvido em um processo, em virtude de publicações feitas em suas colunas editoriais, passando o seu diretor proprietario, o sr. A. C. Mendes, por sérias atribulações.

EMPASTELADO, RE-EMPASTELADO E INCENDIADO

Inominavel atentado, por duas vezes, sofreu a GAZETA DE NOTÍCIAS, matutino que, ha pouco mais de um lustro, se publica nesta capital, "desvinculado dos grupos partidarios que se degladiam no Estado e sem preocupações sectárias ou interêsses de qualquer ordem".

A apreciada folha, fundada em 10 de julho de 1927, foi empastelada um mês após, para ser re-empastelada e incendiada a 16 de outubro seguinte, ambas as vezes por elementos que não foram extranhos á situação dominante de então.

Ás primeiras horas da noite de 11 de junho de 1930, traiçoeira e estupidamente é assassinado na propria redação, a tiros de revólver, quando despreocupado se entregava á faina quotidiana, o diretor da GAZETA DE NOTÍCIAS, Antonio Drummond, crime que teve como principal autor o dr. Virgilio Gomes, então juiz municipal da 1ª vara da capital, o qual se dizia ofendido, em sua honra, por publicação editorial do jornal.

Virgilio Gomes, prêso no dia seguinte, foi mais tarde levado ao juri do tribunal popular,que o condenou á pena maxima estipulada para os homicidas comuns, falecendo, porém, de padecimentos naturais, na cadeia, meses após á morte do malogrado jornalista.

Ainda O CEARÁ, o brilhante jornal de Julio de Matos Ibiapina, teve um dos seus redatores agredido — o jornalis-

ta Democrito Rocha, na praça pública, á luz meridiana, por um ostensivo grupo de oficiais da fôrça pública estadual, os quais, após a degradante cena, se deixaram fotografar como um menosprêso á principal autoridade do Estado, unica responsavel pelas cenas de vandalismo que se desenrolavam nessa ominosa época.

E A POLICIA AGIA

Nesta relação não ficam registados aqueles periodicos contra os quais, pela sua linguagem pouco edificante ou pornográfica, a policia, como é de seu restrito dever, em bôa hora interveiu, já apreendendo os seus exemplares, já intimando os seus responsaveis ao não prosseguimento de tão improficuo e improbo mistér.

Póde-se, entretanto, incluir nela o PAU DE SEBO (1897) que se dizia "órgão das mulheres e de feitura para homens"; O PAPILEIRO (1898), que só publicou um número e era escrito em "linguagem tôrpe e imoral"; O NUZINHO (1902), que pelo tftulo bem denuncia os seus fins; O CÃO E O PHEBO (1906), que tiveram sua publicação interrompida e as respectivas edições confiscadas pela policia. Todos êsses jornalecos eram editados em Fortaleza.

Dois jornais se conhecem cuja história é digna de registo: O GERMINAL, órgão dos alunos da Faculdade de Direito, semanario e noticioso, muito bem escrito e que tinha como redatores nomes hoje em destaque, como os de Alvaro Bomilcar, Bezerra Filho, Alvaro Adolfo, Joaquim Fabricio, de saudosa memória, Joaquim Olimpio, José Vieira e Luciano Pereira, e A THEZOURA, cujo unico escôpo era criticar os artigos daquele periodico, ambos editados em 1904.

Por muito tempo foi desconhecida a redação d'A THEZOURA. Um dia, porém, descobriram os redatores d'O GERMINAL que aquele jornalzinho era redigido por três de seus colegas de academia. Como era natural, essa descoberta deu lugar a protestos que degeneraram em motins na praça pública. Isto em a noite de 27 de outubro de 1903.

O outro foi o RAIO X, jornalzinho publicado nêsse mesmo ano de 1904. Não menos interessante é a sua história.

A oposição ao govêrno do sr. dr. Nogueira Acioli anunciava a saida de um jornal com êsse título, quando os seus adversarios — os amigos do govêrno, se adiantaram e fizeram publicar o RAIO X, ao seu geito, ridicularizando, sem piedade, os seus contrarios.

E o RAIO X, nos moldes oposicionistas, não foi publicado, sendo maior o cavaco de seus pretensos escrevinhadores do que a raiva porventura causada naqueles cujo alvo pretendiam ferir.

O exemplo deixou imitação.

Em 1912 houve o reverso da medalha. Alguns partidarios do então futuro presidente do Estado, tenente-coronel Franco Rabelo, certo de que os seus adversarios, filiados ao Partido Republicano Conservador, pretendiam publicar um jornal subordinado ao título A TRIBUNA, adiantaram-se com um de igual nome...

Ambos êsses procedimentos são, não ha dúvida, como diz alguem, um triste documento das paixões politicas da época.

A IMPRENSA NOS DIAS ATUAIS

A imprensa de Fortaleza, na quadra atual, não está relativa com o meio de seu desenvolvimento, representada, como se acha, por cinco órgãos apenas — CORREIO DO CEARÁ, O NORDESTE, GAZETA DE NOTÍCIAS, O POVO e A RUA — três vespertinos e dois matutinos — de proporções exíguas, faltando-lhes a feição intelectual, o cunho artistico dos grandes jornais, na convidativa distribuição de suas multiplas secções de informações, sempre noticiosos e ilustrados, consoante as exigencias do público ledor.

No entanto, Fortaleza é um meio culto que já podia contar com a sua imprensa, senão nas condições apontadas, pelo menos em valor pouco depreciativo no paralelo que, porventura, se venha a fazer com as mais avantajadas do país.

TREZE PARA CADA MIL

Dizer-se que a capital do Estado do Ceará tem população calculada, aproximadamente, em 130.000 almas e o jornal que se rotúla como sendo o de maior circulação, conseguintemente, o de maior tiragem, regista a vendagem de

pouco mais de mil exemplares, — para uma edição de 3.000 no maximo, destinados a todo o Estado — na razão de treze jornais para mil habitantes, é reconhecer-se a causa unica geradora do meio jornalistico, quasi nulo — o indiferentismo do povo para com a sua imprensa, não dando o valor devido aos seus jornais e deixando de lhes cercar com o carinho e estimulo necessarios ao seu progredimento. Essa indiferença, portanto, tem sido a causa de seu estado estacionario, não podendo essa imprensa acompanhar as continuas transformações por que tem passado em nossos dias, nos centros adeantados, muito diferentes dos tempos doutrora, quando ainda a atribuiam ao diabo e perseguiam-na com arte magica, aliás, na época de maior efervescencia de sua invenção, justamente, quando, "se mostrou ela á claridade do dia."

A QUEM CABE A CULPA

Inquerindo-se dos motivos de tal indiferentismo, chega-se a um resultado interessante: na desmedida exigencia de uma certa parte dos leitores, achando "o jornal mal feito", "imprestavel", ou "simplesmente detestavel", como proclamam muitos dêles.

Tal maioria, entretanto, póde ser classificada em diferentes grupos: o primeiro — dos que não compram absolutamente o jornal e são *leitores assiduos*, não deixando jamais de pedir o número do dia ao vizinho, chegando até a mandar busca-lo em ruas extranhas ás suas, o que fazem, sistematicamente, por mero hábito, por que, não se ocupam - - dizem êles — com a compra de jornais, bastando que se lhos ceda por alguns minutos — o tempo bastante para a leitura de pequena noticia, a chegada de um vapor, um informe qualquer. Êste primeiro grupo é reputado como sendo o mais nocivo aos interêsses economicos do jornal por ir de perto prejudicar a sua vendagem, desde que o emprestimo se estende ao vizinho da esquerda, êste ao fronteiro que, por sua vez, passa ao da direita, lendo-o, na maioria dos casos, um quarteirão de rua completo. Basta que um individuo compre o jornal em determinada rua . . . A conclusão é logica . . .

O segundo grupo — dos que não assinando ou comprando o jornal, o lê diariamente, devorando, pacientemente, suas páginas, desde o massudo artigo de fundo ao mais ligeiro anúncio intercalado na última página: são os que pro-

curam as barbearias ou agencias de jornais. Êste grupo, ao que parece, é o mais exigente dêles, pois, quando lhe não agrada a feição material do jornal, um artigo ou notícia qualquer lhe não satisfaz, torna-se inconveniente, desfiando então a sua censura *de leitor que se viu prejudicado* com a leitura que acabava de fazer.

O terceiro grupo — dos que vão procurar o jornal nas bibliotecas, esperando minutos enfadonhos que chegue a sua vez para poderem então apreciar os *fatos do dia*, já no dominio do esquecimento.

O quarto grupo, finalmente, — dos que vão á redação buscar o seu *jornalzinho*, cheios de agachamentos e protestos de lealdade, fieis ao credo político, com o que se julgam com direito ao exemplar desejado. São êstes, talvez, os mais inofensivos, porque, na maioria, são pobres creaturas incapazes do mal, sempre dispostos ao bem em prol do jornal a que prestam favores.

Eis a razão principal do estacionamento da imprensa cearense nos tempos que correm. Não ha o auxílio direto do público, procurando êste ignorar esta verdade: "ser o jornal o amigo comum que nos entra pela porta a dentro e nos vai levar notícias de toda parte; o genuino advogado de nossos interésses; o propagandista que mais se empenha pelo desenvolvimento da indústria e do comércio; a tribuna onde se discutem todos os assuntos magnos de interêsse geral, a escola que modifica o nosso carater e nos habilita a acompanhar questões de alta importancia".

E A IMPRENSA PERIODICA SOFRE DO MESMO MAL

Os males apontados não abrangem somente a vida da imprensa diaria. Tambem afetam êles a periodica, aliás, com maioria de razão, por ser o campo de exploração estreitissimo, circunscrevendo-se a determinado grupo de intelectuais.

Só a custa de abnegados esforços, com sacrificio imenso de certa empresa ou pessoa, é que póde viver um jornal periodico no Ceará.

Aqui bem se podem ajustar as palavras do grande Afonso Celso: "durar pouco é a sorte da folha periodica".

"A existencia do jornal quadra como a nenhum outro, o limite assinalado de um famoso verso; o espaço de uma manhã ou de uma tarde se a folha é vesperlina".

Lance-se um olhar sobre os anais da imprensa ce rense, que se terá justificativa do assêrto.

"Vasta necrópole de comoções!

"Quantas idéas e paixões despertam êles!

"Quantos decisivos acontecimentos provocaram.

"Com que ansiedade , com que amôr, com que ód foram esperados e percorridos!

"Que imensa influência exerceram e que extraordin ria autoridade em dado momento se lhes atribuiu !

"E quão breve tudo passou"!

ASSUNTO É QUE NÃO FALTA

Na história do jornalismo cearense muito ha a e crever.

Quando o historiador imparcial dela tratar, remem rando um dos seus periodos, o atual, não esquecerá d que moirejam na imprensa diaria, e, sem dúvida, referi os nomes de Democrito Rocha, Pedro Firmeza, Kerginal Cavalcanti, Andrade Furtado, Pais de Castro, Paulo Sar zeta, Rui Costa Souza, Elias Malhmam, Audifax Mend Vasco Furtado, Hugo Vitor, Alfeu Alboim, Vicente Med ros, Pedro Malhmam e Madaleno Girão, individualidad em evidência no jornalismo diario da capital, conhecedor do officio, com aptidão capaz de elevar o nivel da i prensa á altura de sua missão sagrada: "apontar os boss defeitos, combater o êrro, defender os que necessitare do seu auxilio, enfim propugnar pelo bem".

Está subtendido que a referencia é feita somente a que prestam seu brilhante concurso á imprensa do d como profissionais, porque podem ser enumeradas outr individualidades que a auxiliam com o produto de suas fi gurantes inteligencias, pontificando na imprensa literar cientifica, historica, comercial e industrial da terra ce rense.

ARREMÊDO DE IMPRENSA É QUE É

Se, pelo que foi descrito, a imprensa da capital do E tado, meio relativamente mais populoso e de desenvol mento intelectual mais amplo, é defeituosa, não é de est nhar ser éla nula no interior, nas poucas localidades de s

exploração, constituindo um acontecimento na vida do jornalismo matuto quando o jornal consegue comemorar a passagem do seu segundo aniversário sem ter sofrido solução de continuidade em sua existencia.

Das cidades do interior, Sobral, a mais opulenta, é a que se destaca, possuindo uma imprensa regular, contando três órgãos hebdomadários, todos êles com oficinas proprias, não logrando, entretanto, até hoje, fazer circular um diario. Tentativas têm havido, mas improficuas.

Em determinada época, referida cidade publicou um jornalzinho bem interessante: A GAZETA CENTRAL, de Paulo Aragão, a êsse tempo contando o seu diretor, quando muito, 12 anos de idade, para tanto servindo-se êle de um material proprio, de sua invenção.

Vicente Loiola, o malogrado jornalista sobralense, dedicou-lhe uma página de seu valente hebdomadário O REBATE, cuja súmula, para não perder o sabor de quem com tanta propriedade de expressões a descreveu, vai a seguir:

"Tudo neste mundo obedece ás leis naturaes. Nada escapa a sua influencia poderosa...

"Suggeriu-nos estas linhas a leitura do jornalzinho A PENNA de Paulo Aragão, um rapazinho matuto, de 16 para 17 annos de idade, que vive lá fóra, no logar denominado *Amazonas*, deste municipio, 5 leguas distante desta cidade.

"Paulo Aragão é a mais completa envergadura de jornalista que conhecemos até hoje. Não fôra uma velleidade que se lhe mettêra no alto da *sinagoga*, para consagrar-se ao ingrato officio. Desde creança que revelára pendor e gosto especial pela accidentada vida de imprensa, lá no sertão, longe do bulicio da cidade, das intrigas, da polítca, naquelle recanto bucolico da terra de Martim Soares, — sem mesmo travar relações com os mais rudimentares condimentos materiaes empregados na factura de um jornal... Já naquelle tempo *Paulo*, que teria uns 12 annos de idade, fabricára u'a *typographia* e montára um jornal, — a GAZETA CENTRAL. Para conseguil-o, aproveitava as suas horas de lazer; quando voltava do campo, sol a pino, onde estivera desde pela manhã occupado no amanho da da terra para a cultura do grão fecundo com que abarrotar o celleiro no tempo da colheita, ao envez da sonéca reparadora, de repouso ao corpo alquebrado pelo cansáço da labuta extenuante, ia trabalhar na montagem de suas

officinas typographicas, donde mais tarde surgiria o s
jornal.

"Munido de um canivete, — eil-o gravando em madei
typos de variados caractéres, emblemas, *vinhetas*, *filc*
cercaduras, linhas, disticos, etc. Isto feito, eil-o transfo
mado em *H. Marinoni*, arranjando um prélo, tambem e
rija madeira de lei. E tudo conseguira a sua intelligencia
fôrça de vontade, e, removendo todas as difficuldades mat
riaes para todas tendo a solução prompta, immediata, a
vem a *Gazeta Central*, — scentelha de luz civilizadora que
sua perseverança, depois do insano trabalho entregava a
seus patricios daquelle pedaço esquecido e ignorado
terra do Ceará, — tão sómente conhecido dos *agentes d*
fiscos que, de anno em anno, lá apparecem, levados pe
sêde insaciavel de dinheiro, para extorquirem ao matu
laborioso, que trabalha e produz a seiva com que viver fa
tamente, cá na cidade, na mais criminosa e enervante oc
sidade!...

"Até a tinta conseguira-o lá, de u'a substancia de q
ainda guarda avaramente o segredo, podendo por is
obter patente de invenção!"

Em Palma, remoto vilarejo encravado na zona nor
do Estado, um outro jovem — Manuel Batista Fontene
publicou O PALMENSE (1928), em caractéres manusc
tos, imitando fielmente as letras de fôrma, paciente t
balho que demonstra a rara habilidade e pendor artisti
de seu "inventor" dobrado em "compositor" e redator
originalissimo periodico.

A cidade de Quixadá teve um periodo jornalistico,
lativamente aureo, com o aparecimento de O SITIÁ (19
1927), semanario que, pela sua feição artistica, moldá
do-se na imprensa moderna, se tornou muito apreciado
procurado em seus dias de existencia.

O SITIÁ, sempre ilustrado, dedicando, todas as sem
nas, uma página suplementar aos municipios circunvi
nhos, ainda mensalmente publicava, como brinde aos se
leitores, um suplemento de oito páginas (QUIXADÁ-ILU
TRADO), variando as suas edições comuns entre oito
dezeseis, conseguindo publicar, em número especial de a
versário, 24 páginas a côres, fato jamais até então reg
tado na imprensa sertaneja.

O bem organizado hebdomadário era de propriedá
e direção de quem escreve estas linhas.

Não fez, entretanto, exceção á regra, e somente teve três anos de vida, aliás, por um motivo justificado: a transferencia de residencia de seu diretor, da cidade, onde empregava a sua atividade pública como juiz de direito da comarca, para a capital do Estado.

Aracatí, Crato, Baturité, Camocim, Canindé, Massapé e Crateús, não fazem exceção, publicando, hebdomadariamente, os seus órgãos locais.

São estas as cidades dos sertões cearenses que mantêm jornais, sendo de lastimar ser ainda por demais desanimador o estado dêsses periodicos encarados sob qualquer ponto de vista, não passando de meros ensaios ou simples arremêdo de imprensa o que por aí a fóra circula com êsse rótulo.

A causa motivadora do aniquilamento da imprensa da capital, acima apontada, mais se acentua no interior do Estado onde maior é a ignorancia e não pequeno desprêso pelas letras de fôrma.

SÓ EM AÇÃO CONJUNTA...

Do exposto póde-se concluir, não possuir, o Ceará, não só na capital, como no interior, nos dias atuais, jornais na altura do seu desenvolvimento dêstes últimos tempos, mau grado o esfôrço titanico das brilhantes inteligencias que nêles labutam, existindo apenas tentativas, aliás, promissoras, de futurosa imprensa, quando melhor compreendido o seu papel, haja o auxílio direto e eficaz do público em ação conjunta com os jornalistas no sentido de eleva-la á altura de seus magnos fins, passando então a ser essa imprensa verdadeiramente interpetrada como efetivamente o deve ser em todo o rigor do vocabulo.